



# O PROCESSO DE IMAGINAÇÃO POR QUADROS GEOGRÁFICOS NO DESENVOLVIMENTO DO RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO: LITERATURA E MÚLTIPLAS LINGUAGENS

Luciano Martins da Rosa <sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

Este resumo expandido consiste na apresentação e recorte de projeto de pesquisa<sup>2</sup> desenvolvido no âmbito de Doutorado em Geografia, que tem por objetivo geral propor junto aos escolares do Ensino Fundamental – Anos Finais a utilização da linguagem literária no processo de imaginação de “quadros geográficos” (GOMES, 2017) e verificar como esses contribuem no desenvolvimento do raciocínio geográfico. Para o cumprimento do objetivo geral, também no sentido do processo de construção teórico-metodológica da pesquisa, elencam-se os objetivos específicos de:

- Analisar na História do Pensamento Geográfico a composição de estruturas e sistemas visuais, posicionando a abordagem dos quadros geográficos na tradição etimológica descritiva da Geografia e suas possibilidades até o Ensino, por meio das suas múltiplas linguagens;
- Caracterizar práticas espaciais insurgentes e heterônomas (SOUZA, 2013) no contexto de obras literárias brasileiras elencadas a partir de escolas públicas; e
- Elaborar um material didático que promova os princípios do raciocínio geográfico junto dessas obras, sistematizados como quadros geográficos, considerando essas múltiplas linguagens enquanto possibilidades para o Ensino da Geografia.

A temática e a abordagem do projeto justificam-se na necessidade de considerar e explorar a Geografia como ciência dotada de múltiplas linguagens e que ao ser ensinada junto aos escolares, num processo de ressignificação do conhecimento científico em escolar (SOUZA, 2013), demanda a utilização de diferentes metodologias que utilizam de linguagens distintas e/ou sobrepostas para desenvolver o raciocínio geográfico no aluno de modo que possa operá-lo nas diferentes compreensões da realidade.

Castellar (2010, p. 39) aponta, como um dos principais desafios aos professores atuais “superar os vícios de uma educação estática, inerte e ineficaz”, o que segue, “com base em temas mais relevantes e com mais sentido social”. A abordagem junto a escolas públicas, seus escolares e professores visa responder a essa demanda.

Apresentam-se como chave os “Quadros Geográficos” de Paulo César da Costa Gomes (2017), conceituados como sistemas de informações geográficas fundados na localização e pautados em estruturas visuais. Sua discussão percorre a pesquisa, enquanto aporte teórico e metodológico que também justifica o trabalho. Acerca das estruturas visuais, Sauer (2000)

---

<sup>1</sup> Doutorando do Curso de Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, [lucianomartinsdarsosa@gmail.com](mailto:lucianomartinsdarsosa@gmail.com).

<sup>2</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.



discorre sobre mapas, imagens e as imaginações que possibilitam na Geografia pensar através de associações significativas. Este também instiga e indaga a respeito das motivações que o leitor de ficção possui. Lê-se pela trama ou para transportar-se através da imaginação? Essa vocação geográfica fundada no observar e pensar sistematicamente permeia os anseios desta pesquisa que envolve primordialmente a Literatura.

Dando conta da abordagem que passa também pelos objetivos, concorda-se com Sauer (2000, p. 147) quando escreve que devemos dar atenção “para a história do pensamento geográfico, para as ideias que incitaram e orientaram a investigação geográfica, e para os meios intelectuais circundantes”. Dessa forma será possível resgatar da tradição (também etimológica) descritiva da Geografia os sistemas de informação pautados na localização e na apresentação visual, correlacionando-os com os quadros geográficos e suas possibilidades junto às múltiplas linguagens e à Literatura no Ensino da Geografia.

Ressalta-se, ainda, a importância de se trabalhar diretamente com as demandas de escolas públicas e suas respectivas bibliotecas. Em trabalhos anteriores (ROSA, 2017), verifica-se que, no caso de Pelotas-RS, havia uma necessidade de rompimento com a ideia de biblioteca enquanto depósito, sendo ambientes pouco frequentados pelos escolares e professores, e que enfrentavam problemas de manutenção e infraestrutura, marcados pela presença e circulação de livros didáticos, mas uma procura relativamente baixa por obras literárias, até mesmo nas disciplinas da área das Letras.

## **APORTE TEÓRICO**

Em um primeiro momento, defende-se novamente a ideia de quadro geográfico elaborada por Gomes (2017) como fundamental na abordagem da pesquisa. O autor defende a Geografia como uma forma original de pensar, uma maneira de estruturar o pensamento. Destaca que as pessoas pensam a partir de estruturas visuais (2017, p. 131): esses quadros ilustram, mas também estruturam para que se possa pensar e descobrir coisas novas, princípio fundamental para se sustentar o trabalho com linguagens e imagens no Ensino da Geografia.

Os quadros geográficos não buscam somente ilustrar os fenômenos, mas sim descrever, estabelecer conexões, comparações, aproximações e, por meio desses elementos (que são princípios do raciocínio geográfico), mostrar coisas que antes não eram possíveis de serem vistas sem a relação entre os elementos, com todo esse processo usando da localização como o componente central.

A imaginação geográfica, evocada pelo autor, seria provocada pelo uso “inteligente” dos quadros geográficos, que são

sistemas de informações geográficas que se apresentam sob variadas formas gráficas, **e no limite até sob a forma de texto**. A partir de uma base locacional dos dados, são criadas condições de “visualização” da posição, da forma e do tamanho dos fenômenos estudados. A possível conectividade entre eles é dada pela localização. Essas lógicas locacionais estão também relacionadas com a capacidade de imaginação, ou seja, embora de forma diferente, **há um forte potencial para imagens textuais ou visuais produzirem novas imagens**. (GOMES, 2017, p. 140, grifos do autor)

Esse campo/linguagem pode, nessa perspectiva, ser definida enquanto um quadro geográfico. O autor segue tratando por imaginários geográficos o conjunto de imagens “convocado” pela imaginação que pensa geograficamente. Em outros momentos, há uma elucidação de que os quadros geográficos não representam a realidade, mas a apresentam. Ou seja, os imaginários são obtidos pela leitura e também pela produção dos quadros geográficos: o conhecimento sistematizado é obtido pela informação gráfica/visual.



Para Massey (2017), a imaginação geográfica é um pano de fundo que se efetiva o “pensar geograficamente”, e o objetivo da educação é a “ação de questionar, ao invés de aceitar um pensamento superficial” (2017, p. 37), o que é poderoso quando se discute a natureza dessa imaginação geográfica. Muito dessa “Geografia” de cada um reside na mente, já que cada indivíduo carrega imagens mentais do mundo, aspectos gráficos e sistematizações de imaginações geográficas a partir de seus cotidianos.

Cavalcanti (2019) aborda que a Geografia (incluindo a Escolar) é

um campo que utiliza sistematicamente diferentes linguagens, seja para operar os princípios do pensamento geográfico, seja para comunicar seus conhecimentos, o que tem sido intensificado pelos avanços tecnológicos: o texto escrito e falado, os mapas, as imagens de satélite, os desenhos, as fotografias, os gráficos, infográficos etc. (CAVALCANTI, 2019, p. 188)

Nesse âmbito, a professora Cavalcanti defende que essas linguagens ultrapassem a mera ilustração e, para que se efetive o seu papel, intitulado pela autora de imagens de mediação na aprendizagem geográfica — ou signos — é necessário “investigar como elas são produzidas” (2019, p. 189). Cavalcanti (2019, p. 53) também explora o que chama de “linguagens alternativas à linguagem cartográfica e à linguagem verbal”, como a literatura, música, fotografias, filmes, jogos e outros, além de dialogar com a ideia de interpretar o espaço geográfico através delas, de forma a aproximar a realidade dos educandos com o que se trabalha, fazendo uma ponte entre o conhecimento cotidiano e o científico, problematizando também o conteúdo escolar a partir de outras linguagens (CAVALCANTI, 2002, p. 83).

## **METODOLOGIA**

Na perspectiva de uma pesquisa com profissionais dos contextos escolares, visando uma resposta também a eles, e não uma investigação sobre esses sujeitos, a partir de Pimenta (2005) se entende esta como uma pesquisa-ação de abordagem crítico-colaborativa.

A partir dos mesmos objetivos e com sujeitos “interessados em um problema que emerge num dado contexto” (escolar) (PIMENTA, 2005, p. 523), esta se configura numa pesquisa-ação, já que o pesquisador universitário, nessa experiência, auxilia o profissional da escola na problematização do problema, no “contexto teórico” mais amplo, possibilitando uma maior consciência sobre o mesmo; é colaborativa e reforça a ideia de professor-pesquisador.

Os passos do trabalho passam, primeiramente, por um diagnóstico inicial a respeito das múltiplas linguagens que vêm sendo trabalhadas dentro do Ensino da Geografia e uma pesquisa de campo em escolas públicas, visando perceber o uso e a disponibilidade de obras literárias, na relação com a Geografia e seus professores. A partir disso, a pesquisa se faz teórica no sentido já exposto nos objetivos, de visualizar discursos antagônicos, discutir dentro do pensamento geográfico e dos seus princípios de raciocínio próprios.

O trabalho se fará junto dos anos finais do Ensino Fundamental, vista a presença da Geografia como disciplina curricular nessas séries e a faixa etária dos estudantes, de onde serão evocadas as leituras e literaturas de urgência social que circulam nos ambientes escolares, primeiramente a partir do PNLD Literário.

Por fim, como resposta aos sujeitos envolvidos no processo da pesquisa (no campo das escolas envolvidas), e também como proposta teórico-metodológica, articula-se a elaboração de materiais didáticos para além de um manual enfadonho e estático, mas que visa contribuir a partir da pesquisa à Educação Básica, com vistas a articular as discussões e conclusões acerca da Geografia e da Literatura, além da contextualização com o campo de trabalho – as escolas em questão.



Sauer (2000) assinala uma atenção espontânea e crítica do geógrafo para formas, padrões e sistematizações. Apresentando a Geografia como ciência de observação, ordenada pela reflexão, ela é construída a partir de elementos vistos, analisados e comparados. Nesse sentido, os quadros geográficos (GOMES, 2017) sustentam também a abordagem metodológica da pesquisa e serão pensados, sistematizados e construídos na elaboração do material didático/produto final. A sistematização visual é chave nesse processo.

## RESULTADOS E/OU DISCUSSÕES

Enquanto primeiros resultados e discussões, a pesquisa vem se situando na temática em uma construção de referencial teórico que dê base às interlocuções possíveis entre Geografia e as múltiplas linguagens, em especial a Literatura.

Nessa construção, Suzuki (2017) apresenta-se introduzindo as primeiras “incurções” dessa relação, datando em meados do século XIX na obra *Cosmos*, de Alexander Von Humboldt, os primeiros movimentos nesse sentido, o que foi impulsionado na primeira metade do século XX por autores na Europa e Estados Unidos da América, como Vidal de la Blache, H. R. Mill e J. K. Wright.

No contexto brasileiro, Lima-Guimarães (2000) traz geógrafos franceses que, liderados por Pierre Monbeig na década de 1940, já procuravam resgatar a riqueza geográfica em diferentes gêneros literários. Essa busca se dá, primeiramente, pela crítica às carregadas leituras geográficas presentes nas cartilhas de Geografia da primeira metade do século XX, cujas literaturas “não-geográficas” passaram a ser tratadas como opções à disciplina por despertarem imagens e “uma compreensão mais próxima da realidade dos fenômenos geográficos nos alunos” (LIMA-GUIMARÃES, 2000, p. 9), aparecendo como um recurso ilustrativo para a Geografia. Também, é de Pierre Monbeig a contribuição do pensar a linguagem geográfica enquanto literária, valorizando o texto, a linguagem, mesmo não sendo Literatura (SUZUKI, 2017, p. 131), seus primeiros trabalhos discutiam Euclides da Cunha.

Nesta pesquisa, porém, não se busca uma análise de obras literárias a partir da sua Geografia, tampouco um resgate de clássicos, mas uma abordagem de leituras que circulem entre os jovens escolares, também previstos no PNLD – Obras Literárias. Também, reconhecendo o trabalho dos primeiros geógrafos na abordagem da Literatura dentro da Geografia Humanista e Cultural, até a chegada ao Ensino, mas buscando superar, discute-se hoje que a leitura e, posteriormente, a Literatura, possibilitam a criação de imaginários geográficos a partir do ato de explorar os princípios do raciocínio geográfico, a forma geográfica de ler o mundo. Tendo as informações das leituras propiciadas pela Literatura no ensino da Geografia — hoje não mais apenas para substituírem ou ilustrarem os enfadonhos manuais geográficos do passado, mas considerando linguagem geográfica essencial — com a localização e os fenômenos espaciais como centrais, teremos quadros geográficos concretos, e é esse o âmbito da proposta que vem sendo desenvolvida.

Considera-se, assim, que a leitura e a Literatura não são apenas meios ou produtos, mas formas de pensar e instrumentos para o desenvolvimento do raciocínio geográfico; uma forma potente de pensar e desvendar a Geografia, e a elaboração de material didático nesse sentido possibilitará um diálogo entre o método apresentado nos quadros geográficos, a composição visual e a linguagem literária, para além de um material mnemônico e estático, mas vivo e potente para o Ensino da Geografia e suas demandas contemporâneas.

**Palavras-chave:** Ensino de Geografia; Literatura; Múltiplas Linguagens; Quadros Geográficos; Raciocínio Geográfico.





## REFERÊNCIAS

CASTELLAR, S. M. V. Educação geográfica: formação e didática. In: MORAES, E. M. B.; MORAES, L. B. (Org.) **Formação de professores: conteúdos e metodologias no ensino de Geografia**. Goiânia: Vieira, 2010, p. 39-58.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

CAVALCANTI, L. S. **Pensar pela Geografia: ensino e relevância social**. 1. ed. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019.

GOMES, P. C. C. **Quadros geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

LIMA-GUIMARÃES, S. T. Geografia e literatura: alguns pontos sobre a percepção da paisagem. **Geosul**, v. 15, n. 30, p. 7-33. Florianópolis, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/14190/13014>>. Acesso em 1 jul. 2021.

MASSEY, D. B. A mente geográfica. **GEOgraphia**, Niterói-RJ, v. 19, n. 40, 36-40, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13798/8998>. Acesso em: 22 jun. 2021.

PIMENTA, S. G. Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. **Educação e Pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 521-539, 2005.

ROSA, L. M. **A literatura brasileira no ensino de Geografia a partir de uma análise da concepção ambiental de “O Tempo e o Vento – O Continente, v. 1”, de Erico Verissimo**. 2017. 70 f. Monografia (Licenciatura em Geografia) – Instituto de Ciências Humanas, UFPel: Pelotas-RS, 2017.

SAUER, C. O. A Educação de um Geógrafo. **Geographia**, v. 2, n. 4, p. 137-150, 2000. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13392/8592>. Acesso em: 30 jun. 2021.

SOUZA, M. L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SUZUKI, J. C. Geografia e Literatura: abordagens e enfoques contemporâneos. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, n. 5, p. 129-147, 2017. Disponível em: <<https://www.sescsp.org.br/files/artigo/e5e7f714/f8ed/443d/b048/0b3a58e284cc.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2021.